

**EXTENSÃO E POSIÇÃO  
DE CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS**

*Maria da Conceição de Paiva (UFRJ)*

[paiva@club-internet.fr](mailto:paiva@club-internet.fr)

*Danielle Serejo Serra (UFRJ)*

*Izaura Vieira Mariano (UFRJ)*

**1. Colocação do problema**

Tanto na fala como na escrita, os sintagmas preposicionais temporais podem ocupar diversas posições na oração, como mostram os exemplos a seguir:

*a- Margem esquerda da oração*

(1) *Na primeira noite*, fiquei tendo sonhos pirados e sonhei com o pessoal do Casseta e Planeta. (Jornal O Globo)

*b- Entre sujeito e verbo*

(2) Os números *nos quatro primeiros meses de cada ano* tiveram pouca variação. (Jornal Extra)

*c- Margem direita da oração*

(3) A inglêsia começou *depois da meia-noite*. (Jornal O Globo)

*d-Entre verbo e complemento ou predicativo*

(4) Vamos poder ver, *na próxima legislatura*, se a reforma tributária não saiu no governo FHC por falta de consenso. (Jornal O Globo)

Como já mostraram diversos trabalhos, essa variabilidade na posição sintagmática dos constituintes temporais é influenciada por diferentes fatores, tais como a classe semântica, a sua função sintática, seu papel discursivo (NEVES, 1992; ILARI *et alii*, 1992; MARTELOTTA, 1994; MACEDO e SANTANCHÉ, 1998; TARALLO *et alii*, 1993; FREITAS, 2001; PAIVA, 2002; CEZÁRIO *et alii*, 2004; CEZÁRIO *et alii*, 2005a; CEZÁRIO *et alii*, 2005b; BRASIL, 2005; LESSA, 2007; PAIVA *et alii*, 2007; PAIVA, 2008). Em alguns trabalhos (BRASIL, 2005; ANDRADE, 2005,), destaca-se como uma das motivações mais relevantes o peso do constituinte circunstancial, principalmente dos sintagmas preposicionais temporais. De forma geral, verifica-se que temporais mais extensos, mais pesados tendem

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

a ocupar posições pospostas ao verbo e temporais menos extensos, mais leves tendem a se situar antes do núcleo verbal. Neste trabalho, retomamos essa questão através da análise da correlação entre a extensão de *Spreps* temporais e sua posição na oração. O possível efeito de um princípio associado ao peso do constituinte é verificado em dados da modalidade falada e da modalidade com o objetivo de verificar seu alcance e sua sistematicidade.

A amostra de fala é constituída de 15 horas entrevistas sociolinguísticas que integram o Corpus Censo, um database representativo da variedade carioca semi-informal, constituído no período de 1980-1983. Nessa amostra foram obtidos 442 dados de *Spreps* temporais distribuídos pelas posições exemplificadas de (1) a (8).

A modalidade escrita é representada por 150 textos extraídos dos jornais Globo, JB, Extra, Povo. Essa amostra compreende textos de quatro gêneros distintos, quais sejam editoriais, crônicas e reportagens nos quais foram coletados um total de 145 dados. Esses dois conjuntos de dados foram submetidos a uma análise estatística, realizada com o auxílio dos programas Goldarb2001 que permite verificar o efeito de diversas variações. Embora a variabilidade de posição dos temporais possa resultar em várias configurações sintagmáticas, para efeito desta análise, consideramos como variável dependente, as quatro posições ilustradas acima, isto é: margem esquerda da oração, entre sujeito e verbo, entre verbo e complemento e margem direita da oração.

### ***2. Posição e extensão dos constituintes***

A hipótese que orienta este trabalho está sustentada em um princípio funcional independente que estabelece uma correlação entre ordem dos constituintes da oração e seu peso (SIEWIERSKA, 1985; NIV, 1992; WASOW, 1997; HAWKINS, 2000, 2001; GRIES, 2003; WASOW e ARNOLD, 2003; LOHSE, 2004; ABEILLÉ, 2006). De acordo com esse princípio, uma parte considerável das variações na ordem de constituintes obedece a uma previsão de que constituintes menores, fonológica e informacionalmente menos pesados são antepostos; constituintes mais extensos, mais pesados, por outro lado, tendem a ser pospostos. Na posição de Quirk *et alii*

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

(1985) essa previsão pode ser traduzida no princípio denominado *end weight*, que mostra um efeito significativo em fenômenos como posposição do sujeito (MAYORAL-HERNANDEZ e ALCAZAR, 2007), variação entre as possibilidades de ordenação de argumentos internos (objeto direto e objeto indireto) ligados ao mesmo verbo (GRIES, 2003; LOHSE, 2004) ou na ordem de satélites oracionais, tanto na forma de advérbios como de sintagmas preposicionais (HAWKINS, 1994, 2000).

Neste estudo, o peso do constituinte temporal é analisado em termos de sua extensão, considerando o número de palavras que compõe o sintagma preposicional temporal. Embora outros critérios, tais que número de sílabas ou número de nós sintáticos possam ser igualmente pertinentes, o critério número de palavras tem mostrado resultados consistentes e coerentes no estudo de vários fenômenos que envolvem variação de ordem. Exemplificamos a seguir as possibilidades consideradas:

- *sintagma preposicional com 1 palavra*

(5) Ali só fui *sábado* fui com Paulinho, com meu filho, não é? (Amostra Censo 80, fal 47)

- *sintagma preposicional com 2 palavras*

(6) O Paulo ia chegando *naquela hora* (Amostra Censo 80, fal 47)

- *sintagma preposicional com 3 a 4 palavras*

(7) *Na década de 70*, [...] de cada 10 pessoas que sofriam enfarte, nove eram homens. (língua escrita, JB)

- *sintagma preposicional com 5 a 6 palavras*

(8) *No início da minha advocacia*, contou-me um colega mais idoso que estava defendendo um cliente de muita sorte. (Língua escrita, JB)

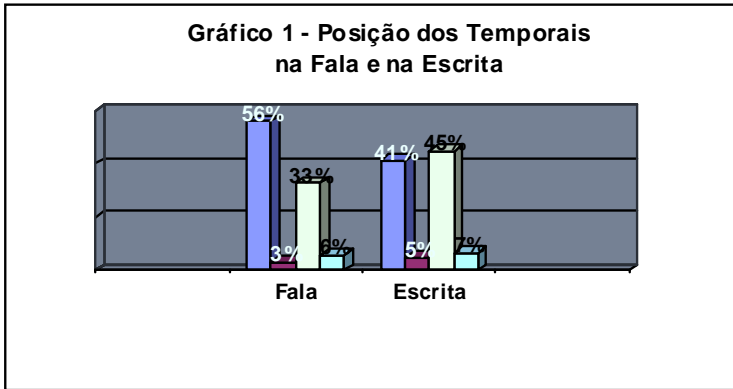
- *sintagma preposicional de 7 a 10 palavras*

(9) E o Paulo deu plantão, estava de plantão, *de seis da manhã às seis da tarde*, minha filha (Amostra Censo 80, fal 47)

Antes de passar à análise do efeito do fator extensão, é interessante observar a distribuição das quatro posições analisadas nas duas modalidades.

**3. Distribuição dos temporais de acordo com a posição**

No gráfico 1, comparamos as frequências de cada uma das posições analisadas nas duas modalidades e mostramos que, apesar da sua variabilidade sintagmática, os sintagmas preposicionais tendem a apresentar posições não marcadas (cf. PAIVA *et alii*, 2007).



Destaca-se, antes de mais nada, o paralelismo entre fala e escrita no que se refere à alta incidência de constituintes temporais nas margens da oração e sua escassez nas posições internas à oração. Essa tendência, já observada em outros estudos (MARTELOTTA, ser explicada em função de um princípio independente que prevê maior coesão entre o verbo e seus argumentos e torna as fronteiras entre eles pouco disponíveis para abrigar outros constituintes (cf. TOMLIN, 1986).

Ressalta, no entanto, uma diferença importante entre fala e escrita: na modalidade falada, verifica-se nítida predominância dos *Spreps* temporais na margem esquerda da oração (56%). Baseando-nos em um critério de frequência, podemos, portanto, falar de uma ordem não marcada de temporais nessa modalidade. Na língua escrita, ao contrário, constata-se maior variabilidade entre as periferias esquerda (41%) e direita (45%), o que pode ser resultado de particularidades de produção dessa modalidade.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

A tendência a evitar *Spreps* temporais em posições mediais é mais sensível na fronteira entre verbo e sujeito e aumenta ligeiramente, de forma paralela nas duas modalidades, na posição entre verbo e objeto. Nesse sentido, reitera-se o que já foi encontrado em outros estudos sobre a maior restrição quanto ao tipo de constituinte que pode se situar na fronteira entre o verbo e o seu sujeito (cf., por exemplo, PAGOTO, s.d.; FREITAS, 2001; MORAES PINTO, 2002).

### **4. Correlação entre posição e extensão do Sprep**

Nesta seção, examinamos mais detidamente a correlação entre a posição do circunstancial e sua extensão nas duas modalidades. Consideremos primeiramente os resultados para a modalidade falada, expostos na tabela 1:

Núm. de palavras	ME	S-V	MD	V-O	Total
Uma	5 = 47%	0 = 0%	4 = 36%	2 = 18%	11
2 a 3	136 = 58%	10 = 4%	70 = 30%	15 = 6%	231
3 a 4	101 = 59%	5 = 2%	55 = 32%	10 = 5%	171
5 a 6	6 = 33%	0 = 0%	10 = 55%	2 = 11%	18
7 a 10	3 = 27%	0 = 0%	8 = 72%	0 = 0%	11

**Tabela 1-Posição do *Sprep* temporal de acordo com extensão - Língua falada**

Mantendo a cautela necessária, em função do forte desequilíbrio no número de dados por célula, podemos dizer que os resultados da tabela 1 fornecem alguns argumentos favoráveis à ação de um princípio ligado à extensão sobre a posição sintagmática dos *sintagmas preposicionais temporais* na modalidade falada. Os *Spreps* mais leves, constituídos de uma única palavra ocupam preferencialmente a margem esquerda da oração (45%). Não se pode desconsiderar, no entanto, a representatividade do índice de temporais na margem direita da oração (36%), indicando uma variabilidade acentuada na posição dos *Spreps* temporais menos pesados.

Os *Spreps* temporais de 2 ou de 3 a 4 palavras apresentam comportamento semelhante aos de uma palavra, situando-se preferen-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

cialmente na periferia esquerda da oração, com 58% e 59%, respectivamente.

Os *Spreps* mais pesados, constituídos de 5 a 6 palavras, confirmam de forma mais decisiva a hipótese colocada, tendendo a se colocar na margem direita da oração (55%). Essa tendência fica ainda mais nítida com os *Spreps* temporais de 7 a 10 palavras que apresentam uma média de 72% para a periferia direita da oração.

No que se refere às posições mediais, observa-se comportamento diferenciado da fronteira entre sujeito e verbo e entre verbo e objeto. Enquanto a primeira, só admite temporais de até no máximo 4 palavras, a segunda se apresenta menos restritiva, admitindo a intercalação de *Spreps* temporais mais extensos, de até 6 palavras. É necessário ressaltar, no entanto, uma especificidade dessa última possibilidade: na maioria dos casos, trata-se de exemplos como

(10) Ter que *daqui a um ano, todo ano*, trocar de carro. (Amostra Censo 80, fal 43)

em que o objeto direto ligado ao verbo é oracional. Nesse caso, pode-se pressupor que a maior complexidade sintática do argumento ligado ao verbo favoreça sua colocação em posição final, permitindo, assim, ao *Sprep* se inserir na fronteira entre ele e o verbo.

Consideremos agora os dados da modalidade escrita, expostos na tabela 2.

	ME	S-V	MD	V-O	Total
1 palavra	1 = 25%	0 = 0%	2 = 50%	1 = 25%	4
2 palavras	16 = 40%	1 = 2%	19 = 47%	4 = 10%	40
3-4 palavras	29 = 42%	3 = 4%	32 = 46%	5 = 7%	69
5-6 palavras	10 = 41%	3 = 12%	10 = 41%	1 = 4%	24
7-10 palavras	4 = 50%	1 = 12%	3 = 37%	0 = 0%	8

**Tabela 2-**

### **Posição do *Sprep* temporal de acordo com extensão - Língua escrita**

Os resultados da tabela 2 contrariam a expectativa de uma generalidade no efeito de um princípio ligado a extensão. Na modalidade escrita, contrariando as previsões possíveis, os *Spreps* temporais constituídos de uma só palavra, em número reduzido na amostra examinada, ocorrem mais frequentemente em posições pospostas ao verbo (MD e VO) do que na margem esquerda da oração, com apenas 25%, o mesmo índice associado à posição

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

interna VO. Observamos ainda que, para os *Spreps* temporais de até 6 palavras, não há diferença significativa entre os índices associados à margem esquerda e à margem direita da oração. Uma contraevidência mais importante é fornecida pela maior ocorrência dos *Spreps* temporais mais extensos na margem esquerda da oração (50%), índice significativamente mais expressivo do que o que se associa à margem direita (37%).

A recorrência de *Spreps* temporais mais extensos na margem esquerda da oração, contraditória com as previsões feitas por um princípio de extensão, pode ser explicada com referência ao papel desses constituintes na organização discursiva. Como já foi destacado em Paiva *et alii* (2007) e Paiva (2008), a posição dos temporais na oração desempenha diferentes papéis discursivos, destacando-se aqueles que se situam na margem esquerda da oração. Como ressalta Paiva (2008), *Spreps* temporais situados na margem esquerda da oração constituem elementos de coesão em duas direções: como elementos de ligação com o discurso antecedente (função *backward*) ou como elementos de indexação do discurso subsequente, introduzindo enquadres ou cenários temporais sob os quais podem se abrigar diversos estados de coisas, como no exemplo (15):

(11) No dia 31 de março de 1964, a elite burguesa se recolheu à sombra e deixou que as fileiras dos militares insatisfeitos se deslocassem de Minas Gerais rumo ao Rio de Janeiro para desafiar o poder constituído e o comando militar a quem deveriam obedecer, e cujo comandante em chefe era o presidente da República. Vitória garantida, saiu às ruas em estrondosa comemoração.

No exemplo acima, o *Sprep no dia 31 de março de 1964*, funciona como um indexador de um trecho de discurso mais longo, abrigo na sua referência temporal um conjunto de estados de coisas que ocorreram na data em questão. Como mostra Paiva (2008), essa função indexadora de *Spreps* temporais situados na margem esquerda da oração é particularmente explorada na modalidade escrita, pois permite organizar blocos de estados de coisas em um todo coerente e obter maior condensação das informações.

As 4 ocorrências de *Spreps* mais extensos na periferia esquerda da oração correspondem todas elas a casos em que O *Sprep*

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

atua como elemento de indexação. Nesse caso, instaura-se uma situação bastante frequente em fenômenos de variação que possuem uma contraparte funcional relevante, qual seja, a de possível conflito entre princípios distintos. No caso em questão, tudo indica que o princípio de extensão, segundo o qual constituintes mais extensos tendem a ser pospostos, é sobrepujado por imperativos discursivos e, por um princípio que prevê a anteposição de constituintes que asseguram a indexação de trechos mais longos de discurso. Nesse sentido, é possível afirmar que particularidades da modalidade escrita se refletem na forma como o princípio de extensão atua.

As duas modalidades se distinguem ainda no que se refere às posições mediais. Segundo os resultados da tabela 2, a fronteira entre verbo e sujeito está mais disponível para *Spreps* temporais mais extensos, que podem alcançar até 10 palavras, com uma média de 12%, do que a fronteira entre verbo e objeto, que fica mais restrita a *Spreps* de menor extensão, de no máximo 4 palavras. Inverte-se, portanto, a tendência observada na modalidade falada.

### ***5. Considerações finais***

A análise desenvolvida permitiu depreender antes de mais nada diferenças importantes na forma como o princípio de extensão atua em cada uma das modalidades. Os resultados obtidos para a modalidade falada se conformam em grande parte às expectativas, pelo menos no que se refere às margens da oração. Assim, os *Spreps* temporais mais leves tendem a se situar na margem esquerda da oração, e os *Spreps* mais extensos na margem direita.

Na modalidade escrita, ao contrário, o princípio de extensão opera de forma menos transparente. Independentemente da sua extensão o *Sprep* temporal pode se situar na margem esquerda ou na margem direita da oração. Além disso, pudemos constatar que, nessa modalidade, mesmo os sintagmas preposicionais mais extensos tendem a se colocar no início da oração, contrariando as previsões do princípio de extensão. Embora uma análise mais detalhada dessas situações seja necessária, aventamos a possibilidade de que, na modalidade escrita, a função discursiva do circunstancial temporal possui



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

maior relevância e obscurece a ação de um princípio ligado à extensão.

Também no que se refere às posições mediais podem ser observadas algumas diferenças entre as modalidades escrita e falada. De forma bastante paralela, as duas modalidades são fortemente restritivas na disponibilização das fronteiras entre verbo e sujeito e entre verbo e objeto para a colocação de *Spreps* temporais. No entanto, elas se distinguem no que diz respeito à correlação entre posição do *Sprep* temporal e sua extensão. Elas se distinguem, porém quanto à fronteira mais frequentemente explorada: enquanto, na fala, *Spreps* temporais mais extensos podem se situar entre o verbo e o seu complemento, na escrita, esses constituintes tendem a ocupar a fronteira entre o verbo e o seu sujeito.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEILLÉ, Anne; GODARD, Danièle. La légreté en français comme déficience de mobilité. In: *Linguisticae investigationes*, 2006, p. 11-24.

ANDRADE, Queli. *Ordenação das locuções adverbiais de tempo em editoriais*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, 2005.

BRAZIL, Angela Varela. *Ordenação de circunstanciais em PB e PE*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

CEZÁRIO, Maria Maura *et alii*. Ordenação de advérbios em textos religiosos. *Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 16, 2004, p. 177-201.

\_\_\_\_\_ *et alii*. Ordenação de adverbiais temporais ou aspectuais. *Transformar: Revista do CenPE*, 2005a, v. 1, p. 189-203.

\_\_\_\_\_ *et alii*. Ordenação de Adverbiais Temporais e Aspectuais. In: HENRIQUES, Cláudio César; SIMÕES, Darcilia (Orgs.). *Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*, Rio de Janeiro: Europa, 2005b, p. 212-218.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

FREITAS, Maura Alves. *Adjuntos e adjunções em fronteiras de constituintes*, Tese de Doutorado, Unicamp: Campinas, 2001.

GRIES, STEFAN THOMAS. *Multifactorial analysis in corpus linguistics: A study of particle placement*. New York: Continuum International Publishing Group Ltd, 2003.

HAWKINS, JOHN A. *A performance theory of order and constituency*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. The relative order of prepositional phrases in English: Going beyond manner-place-time. *Language Variation and Change*, 11, 2000, p. 211-66.

\_\_\_\_\_. Why are categories adjacent? *Journal of Linguistics*, 2001, v. 37, p. 1-34.

ILARI, Rodolfo *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. De. *Gramática do português falado*. Campinas: Fapesp; Unicamp, 1990, p. 149-211.

LESSA, Márcia M. *Ordenação de circunstanciais temporais na escrita: uma comparação entre português e inglês*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

LOHSE, Barbara; HAWKINS, J e WASOW, Thomas. Processing domains in English verb-particle constructions. *Language*, v. 80, n. 2, p. 238-261, 2004.

MACEDO, Ana Maria Nolasco de & Santanché, Lis Mireia. Reflexões sobre a sintaxe dos advérbios. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 21/22, 1998, p. 15-38, jun-dec.

MARTELOTTA, Mário E. T. *Os Circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. Ordenação dos advérbios qualitativos em -mente no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. *Gragoatá*, v. 11, 2006, p. 11-26.

MAYORAL HERNANDEZ & ALCÁZAR. Subject Position and Unaccusativity in Spanish: An Evaluation of the Weight Hypothesis. *Selected Proceedings of the Hispanic Linguistics Symposium*, 2007.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

MORAES PINTO, Deise Cristina de. *Os advérbios qualitativos e modalizadores em -mente e sua ordenação: Uma abordagem histórica*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, 2002.

NEVES, M. H. M. *Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo*. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*, v. 2, p. 261-296. Campinas: UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do português falado*, v. II: *Níveis de análise linguística*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992, p. 265-291.

NIV, Michael. Right association revisited. *Proceedings of the 30<sup>th</sup> meeting of the Association for Computational linguistics*. Newark: Dalaware, 1992, p. 285-297.

PAGOTO, Emílio. *A posição dos advérbios*. Mimeo

PAIVA, Maria da Conceição de. A ordem não marcada dos circunstanciais locativos. In: LINS, Maria da Penha Pereira; YACOVENKO, Lilian (Org.). *Caminhos em Linguística*. Vitória: NUPLES/DLL/UFES, 2002, p. 16-34.

\_\_\_\_\_. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). *Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*, Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 254-264.

\_\_\_\_\_ *et alii*. Padrão não marcado de ordenação de circunstâncias temporais: regularidades e divergências entre fala e escrita. *Linguística: Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística*, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 69-88, 2007.

QUIRK, Randolph *et alii*. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman, 1985.

SIEWIERSKA, Anna. Syntactic eight vs information structure and word order variation in Polish. *Linguistics*, Cambridge, v. 29, p. 233-265, 1993.

TARALLO, Fernando *et alii*. Preenchimentos em fronteiras de constituintes. In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do português falado*, v. II: *Níveis de análise linguística*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 315-356.

***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

TOMLIN, Russel. Basic word order: Functional principles. London: Routledge (CroonHelm), 1986.

WASOW, Thomas. Remarks on grammatical weight. *Language Variation and Change*, v. 9, p. 81–105, 1997.

\_\_\_\_\_. *Postverbal behavior*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2002.

\_\_\_\_\_; ARNOLD, Jennifer. Post-verbal constituent ordering in English. In: ROHDENBURG, G.; MONDORF, B. (eds) *Determinants of Grammatical Variation in English*, London: Mouton, 2003, p. 119-154.